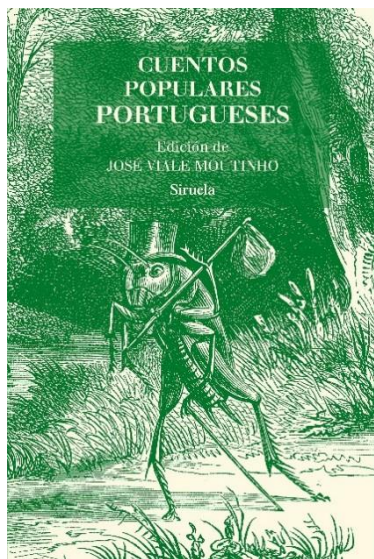


Viale Moutinho, José, *Contos populares portugueses. Antologia, 4ª edição*. Sintra, Publicações Europa-América, 1998. (Trad. esp.: Siruela)

Existen varias **antologías de cuentos tradicionales portugueses**. Aquí hablamos de la de **José Viale Moutinho**. Pero hay más.

Por ejemplo, **Mésseder, João Pedro e Isabel Ramalhete**, *Contos e Lendas de Portugal e do Mondo*. Porto, Porto Editora, 2018, de la que también tomamos algún cuento en este documento y que incluye las tradiciones no solo de **Portugal**, sino también de las antiguas colonias (**Angola, Mozambique, Timor**). Hay cuentos que proceden de otras tradiciones, verbigracia “**O cágado [=la tortuga] e a raposa**” es una versión angoleña de la fábula de “**La tortuga y la liebre**”, que se remonta al menos a **Esopo**. “**Os quatro músicos**” es la versión portuguesa del cuento de los hermanos alemanes **Wilhelm y Jacob Grimm** “**Los músicos de Bremen**”.

D. Caio



Este primer cuento recuerda mucho a “**El sastrecillo valiente**”, con un toque de humor. En español aún conservamos la palabra de origen árabe “**alfayate**” (=sastre).

“Era um alfaiate muito poltrão, que estava a trabalhar à porta da rua. Como ele tinha medo de tudo, o seu maior gosto era fingir de valente. Vai de uma vez, viu muitas moscas juntas e de uma pancada matou sete. Daqui em diante, não fazia senão gabar-se:

—Eu cá mato sete de uma vez!

Ora o rei andava muito triste, porque lhe tinha morrido na guerra o seu general D. Caio, que era o maior valente que havia. Como sabiam que o país não tinha quem mandasse combatê-las, as tropas inimigas puseram-se a caminho. Os que ouviam o alfaiate andar a dizer por toda a parte «Eu cá mato sete de uma vez!» foram logo contá-lo ao rei. Este lembrou-se de que quem era assim tão valente seria capaz de ocupar o posto de D. Caio. Assim, o gabarola foi levado à presença do rei, que lhe perguntou:

—E verdade que matas sete de uma vez!

—Saberá Vossa Majestade que sim.

—Então quero que vas comandar as minhas tropas e atacar o inimigo, que já nos está a cercar.

Mandou vir o fardamento de D. Caio e fê-lo vestir ao alfaiate, que era muito baixinho, e ficou com o chapéu de dois bicos enterrado até as orelhas. Depois disse que trouxessem o cavalo branco de D. Caio para o alfaiate montar. Ajudaram-no a subir para o cavalo, e ele já estava a tremer como varas verdes. E, assim que o cavalo sentiu as esporas, botou à desfilada. Aflito, o alfaiate desatou a gritar:

—Eu caio! Eu caio!

Todos os que o ouviam por onde ele passava diziam:

—Ele agora diz que é o D. Caio! Já temos homem!

O cavalo, que andava acostumado às batalhas, corren para o sitio em que estavam os soldados já a lutar, e o alfaiate sempre com medo de cair, a gritar como um desesperado:

—Eu caio! Eu caio!

O inimigo, assim que viu vir o cavalo branco do general valente e temido e ouviu o grito «Eu caio! Eu caio!», conheceu o perigo em que estava. Logo disseram os soldados uns para os outros:

—Estamos perdidos, que lá vem D. Caio! Lá vem D. Caio!

E deitaram a fugir em debandada. Os soldados do rei foram-lhe no encalço e mataram neles.

O alfaiate ganhou a batalha assim só a agarrar-se ao pescoço do cavalo e a gritar «Eu caio!». O rei ficou muito contente com ele e em paga da vitória deu-lhe a princesa em casamento, e a verdade é que ninguém regateava os maiores louvores à bravura do sucessor do general D. Caio...

Actividades para el alumnado

1. Cuenta con tus palabras qué ocurre en el cuento. Fíjate que algunas de las cuestiones principales para entenderlo, son las confusiones:
 - a. «**Eu cá mato sete de uma vez!**», «**Yo mato siete de golpe**». ¿A qué se refiere el sastre? ¿Qué entiende la gente cuando lo oye?
 - b. La confusión entre «**Eu caio!**» («**¡Que me caigo!**») y «**D. Caio**» («**Don Cayo**»).
2. ¿Dónde ves el parecido de la versión portuguesa con el cuento tradicional «**El sastrecillo valiente**»?
3. Podríamos decir que **D. Caio** ganó una batalla después de muerto, por el temor que inspiraba el gran guerrero a sus enemigos. En ese sentido, la historia lusa recuerda a la leyenda de nuestro **Cid**, que también ganó la batalla a los musulmanes tras su muerte. Cuenta brevemente ese episodio.
4. Explica cómo funciona el **humor** en este cuento, qué mecanismos utiliza para producir la hilaridad del lector.
5. Fíjate que, al final de la historia, aparece una **princesa**. ¿Dirías que la mujer tiene un papel activo o pasivo en el relato? ¿Cuál es la función narrativa que la princesa tiene en la historia?

O coelhinho branco

Este otro cuento recuerda un tanto al famoso de *Las mil y una noches* «**Alí-Babá y los cuarenta ladrones**» y su célebre «**¡Ábrete, sésamo!**». «**Coelho**» significa «**conejo**» en portugués. El sufijo «**-inho**» es un **diminutivo**. Leamos el cuento:

“Era uma vez uma princesa que costumava pentear-se jempre à janela do seu palácio, que deitava para o jardim. Todos os dias ía um coelhinho branco muito bonito passear baixo da janela. Um dia, estando a princesa a pentear-se, vai o coelhinho e levou-lhe o pente.

Passados dias, estando outra vez a princesa a pentear-se, veio o mesmo coelho e levou-lhe o lago, e, passados mais uns dias, tendo a princesa tirado um anel e posto na janela, o coelho tornou a aparecer e levou-o.

Passaram-se uns poucos de dias e o coelho nunca mais voltou. A princesa, com muitas saudades por ele não aparecer, adoeceu.

Vieram os médicos e não atinaram com a molestia. O rei, muito aflito por ver que a filha não podia resistir a doença, não fazia senão chorar.

A princesa tinha uma aia que era muito sua amiga e que sabia a razão de tudo aquilo. A doente sonhou uma noite que bebendo um copo de água duma fonte que havia no meio de um bosque distante do palacio lhe daria saúde. Pediu à aia que lha fosse buscar, porque só da sua mão a queria beber, pois só nela confiava.

A aia foi, chegou à fonte e, quando ia a encher o copo, abriu-se o chão e saiu um preto com um burro carregado de barris.

Ela escondeu-se e o preto encheu os barris, carregou o burro e foi-se embora. A aia foi atrás dele e o preto, chegando ao sitio por onde tinha aparecido, disse:

—Abre-te, chão!

Imediatamente o chão se abriu e apareceu um palacio muito rico. A aia entrou e escondeu-se, muito admirada por ver semelhante riqueza.

O preto veio, trouxe uma bacia e um jarro de ouro, deitando os barris de água dentro da bacia. Depois foi-se embora. Daí a pouco viu ela vir o coelhinho branco, que costumava ir ao jardim da princesa. O coelho meteu-se na bacia de água e fez-se logo um formoso príncipe. Depois abriu uma gaveta e, tirando um pente, um laço e um anel, começou a dizer:

—Pente, laço, anel de minha senhora! Vejo a ti e não vejo a ela! Ai, que morro por ela, ai de mim!

Depois arrecadou tudo, voltou a banhar-se, tornou-se logo em coelho e fugiu. A aia, quando se viu só, chegou ao sitio por onde tinha entrado e disse:

—Abre-te, chão!

O chão imediatamente se abriu, saiu ela e chegou ao palacio muito contente, com um copo de água da fonte.

A princesa bebeu-a e começou a achar-se melhor. A aia, então, contou-lhe o que tinha visto e a princesa ainda mais contente ficou. Depressa se achou boa e foi um dia passear com a aia ao mesmo sitio e esconderam-se. Daí a pouco tempo abriu-se o chão e apareceu o preto. Encheu os barris, carregou-os no burro e foi-se embora. Chegou ao tal sitio e fez que o chão se abrisse. E logo apareceu o tal rico palácio.

Entraram a princesa e a aia e foram seguindo o preto sem que ele as visse. Depois esconderam-se no mesmo sitio onde estivera a aia da outra vez. O preto foi buscar a bacia e o jarro de ouro, despejou a água dentro e depois retirou-se.

Daí por um bocado, veio o coelhinho branco, banhando-se dentro da bacia e tornou-se no tal príncipe. Abriu a gaveta e repetiu as mesmas palavras diante do pente, do laço e do anel.

Só que dessa vez apareceu a princesa, que lhe disse:

—Se morres por mim, meu amor, aqui me tens!

Acabou-se imediatamente o encanto do príncipe, que ficou muito contente por tornar a ver a princesa.

Ajustou-se o casamento, casaram e o pai dela ficou muito satisfeito.”

Actividades para el alumnado

1. **Paulo Coelho**, (= **Pablo Conejo**, en español) es uno de los escritores **brasileños** más famosos de ahora. Tiene fama universal. Busca datos sobre el autor y su obra.
2. **Resume** brevemente lo que pasa en el cuento.
3. Fíjate en el papel de la **princesa**. Di cuáles son las ocupaciones de una princesa según el relato, a qué dedicaba su tiempo. ¿Qué ideología se transmite sobre el papel de la mujer en la sociedad?
4. Cuenta brevemente la historia de “**Alí Babá y los cuarenta ladrones**”, uno de los relatos más famosos de la colección árabe de **Las mil y una noches**.

O galo e a raposa

Este cuento recuerda mucho a las **fábulas**: animales que hablan, intención moralizante y sentido del humor.

“Um galo, cercado de um serralho de galinhas, pressentiu a aproximação duma raposa e empoleirou-se logo numa árvore, dando sinal para que todas fizessem o mesmo. A raposa chegou à árvore e disse para cima:

—Já vejo que vocês não sabem que ha agora uma ordem do Governo para nem os homens nem os bichos fazerem mal uns aos outros!

—Agora!

O galo ouviu bulha a certa distância, olhou e exclamou:

—Acolá vêm uns caçadores!

—De que banda vêm? —perguntou a raposa, assustada.

—De acolá!

Mas neste momento já os cães dos caçadores tinham dado com as pegadas da raposa e corriam para ela.

A raposa deitou a fugir, os cães e caçadores atrás dela, o galo começou então a gritar:

—Mostra-lhe a ordem! Mostra-lhe a ordem!

Actividades para el alumnado

1. En las **fábulas**, cada **animal** suele representar una cualidad o defecto humano. Por ejemplo, la **raposa** simboliza la astucia. ¿Dónde se ve en este cuento que la zorra es astuta? ¿Qué otros defectos o virtudes representan estos animales: el león, el burro, el ratón...
2. **Le roman de Renart** es una obra medieval francesa en donde el zorro **Renart** siempre se burla de su primo el **lobo**. Busca información sobre esta obra.
3. En este cuento en concreto, ¿consigue la raposa su objetivo?, ¿cae en la trampa el gallo?, ¿cómo consigue librarse de la emboscada que la zorra le estaba tendiendo?

O caldo de pedra

Leyenda medieval muy conocida, que también circula en versión española. Nuevamente, el **humor** y la **picaresca** del personaje protagonista (el **fraile**) protagonizan la historia.

“Um frade andava no peditório. Em determinada altura, cheio de fome, chegou à porta de um lavrador e aí nada lhe quiseram dar. E ele disse aos da casa:

—Vou ver se fago um caldinho de pedra.

Apanhou uma pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôs-se a olhar para ela a ver se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pôs-se a rir do frade e da sua lembrança. Perguntou o viandante:

—Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa!

Responderam-lhe:

—Sempre queremos ver isso.

Foi o que o frade quis ouvir. Depois de ter lavado a pedra, falou assim:

—Se me emprestassem aí uma panelinha...

Deram-lhe uma panela de barro. Ele encheu-a de água e meteu a pedra dentro.

—Agora, se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas...

Deixaram. Assim que a panela começou a chiar, disse ele:

—Com um bocadinho de unto é que o caldo fícava um primor!

Foram-lhe buscar um pedaço de unto. Ferveu, ferveu, e a gente da casa pasmada do que via. Provando o caldo exclamou o frade:

—Esta um bocadinho ensosso, bem precisava de uma pedrinha de sal.

Também lhe deram o sal. Temperou, provou, e:

—Agora é que uns olhinhos de couve caíam bem aquí!

Até os anjos comeriam!

A dona da casa foi à horta e trouxe-lhe duas couves tenras. O frade limpou-as, ripou-as com os dedos, deitando as folhas na panela.

Quando os olhos já estavam cozidos, comentou o frade:

—Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava graça!

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço e ele deitou-o na panela. E enquanto tudo aquilo cozia, tirou pão do alforge e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beijo. Depois, despejada a panela, ficou a pedra no fundo.

A gente da casa, que estava com os olhos no frade, perguntou-lhe:
—Ó Irmão, então a pedra?
Respondeu-lhes o frade:
—A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez!
E assim comeu o frade em casa de quem nada lhe queria dar.”

S. Pedro e a ferradura

Cuento **bíblico**, novotestamentario, el **Maestro** da una lección al **discípulo**.

“Quando Nosso Senhor Jesús Cristo e mais S. Pedro andavam pelo mundo, toparam num caminho uma ferradura velha. Disse o Senhor:

—Pedro, apanha essa ferradura, que pode ter alguma serventia.

—Senhor, não apanho! Está velha e ferrugenta, não pode servir para nada.

O Senhor deixou ir Pedro adiante, abaixou-se e apanhou a ferradura.

Chegaram às portas de uma cidade. O Senhor deixou outra vez Pedro ir adiante e, sem ele dar por isso, vendeu-a a um ferrador por dez réis. Passou por um sitio onde se vendia fruta e comprou-os de cerejas.

Passaram depois a cidade e meteram por outra estrada. Estava muito calor e disse S. Pedro:

—Ah, se eu tivesse com que refrescar a boca! O Senhor ia então adiante e deixou cair uma cereja na estrada. Pedro ia a passar e viu a cereja, abaixou-se para a apanhar e meteu-a na boca, depois de a limpar do pó.

O Senhor foi deixando cair, aqui e ali, uma cereja, e Pedro sempre pronto para as apanhar, sem ver que era o Senhor que as deixava. Quando já não havia mais cerejas, disse o Senhor:

—Que tralhalho tiveste em apanhar as cerejas! Se tivesses apanhado a ferradura, tê-las-ias mais frescas!

—Como é isso, Senhor?

O Senhor contou-lhe tudo e ele arrependeu-se.”

O moleiro

Un cuento que enseña a apreciar las cosas sencillas.

“Trabalhava no seu moinho um moleiro, quando chegou o rei e a comitiva.

—Ha dois días que nos perdemos na floresta e estamos cheios de fome. Tens alguma coisa que nos sirvas?

—Tenho pão de cevada e mel.

Ficaram todos muito contentes. O moleiro foi buscar um tabuleiro de pão, que desapareceu num momento.

—Venha o mel! —ordenou o rei.

—O mel comeram os senhores com o pão...

O rei compreendeu a resposta do moleiro: não há melhor apetite do que a fome —até o pão de cevada sabe a mel!”

O tesouro do enforcado

Cuento de claro contenido moral. Recuerda la **parábola** bíblica del **hijo pródigo**.

“Um pai tinha um filho muito travesso e estróina e sabia que a grande fortuna que lhe deixava ele a espatifaria toda. devido à sua má cabeça. Assim, quando morreu, deixou-lhe um falcão, dizendo que, ainda que se visse muito necessitado, nunca o vendesse; mas se acontecesse do o

vender, que lhe deixava uma carta fechada e que a não abrisse senão depois de ter perdido todas as suas esperanças de melhorar de fortuna.

O velho morreu e o filho começou logo a gastar. Vendeu quintas, casas, fez dívidas, ficou por fiador de amigos, meteu-se em empresas, e quando menos se precatou achou-se sem nada. Restava-lhe ainda o falcão, que o pai recomendara que nunca vendesse. Porém, como se achasse em grandes apuros, não fez caso da vontade do pai e mandou oferecer o falcão ao rei, que lho comprou.

Mas o dinheiro do falcão não chegou senão para alguns dias, acabando por gastá-lo no jogo, onde tinha tiendo a melhor parte da sua fortuna. O rapaz, atrapalhado da sua vida, e vendo-se sem nada, começou a procurar todos os amigos com quem tinha gastado e todos lhe viraram as costas. Foram tantas as ingratidões e o descaramento dos que lhe tinham ajudado a desbaratar a fortuna que o rapaz perdeu o gosto da vida e entendeu que o único remédio que lhe restava era matar-se.

Foi então que se lembrou que tinha uma carta do pai que ainda estava fechada, e antes de morrer lembrou-se de querer ver o que ela dizia.

Abriu a carta, e dentro estava uma chave, e dizia-lhe a rua a que ele devia ir e a casa em que aquela chave servia para abrir a porta. E que lá acharia pendurada numa trave uma corda e, já que estava sem esperanças nenhuma, que se enforcasse ali. Como o rapaz pensava assim, aceitou o conselho do pai pela primeira vez, e foi logo à tal rua. Lá deu com a casa, abriu a porta e fechou-se por dentro.

Subiu a escada e chegou a uma velha sala, onde encontrou a corda pendurada. Não se pôs com mais reflexões e, quando começou a puxar a corda para ver se estava segura, a corda abriu um falso que estava no tecto e começaram a cair muitas moedas de ouro.

Ficou o rapaz admirado, juntou o dinheiro e já não se quis matar. Mas também dali em diante nunca mais desbaratou dinheiro, viveu com juízo e desprezou os amigos que na sua desgraça lhe tinham virado as costas.”

Frei João

El cuento forma parte de eso que podríamos llamar **literatura de invectivas**, dirigida contra las **mujeres** (literatura **misógina**), los **curas** y **frailes** (literatura **anticlerical**), pero también los **médicos**, los **abogados**, los falsos **beatos** (basta con recordar algunas obras de **Molière**), etc. Recuerda mucho una famosa **nana asturiana**, donde la mujer, fingiendo que canta una canción de cuna a su bebé, lo que hace realmente es avisar a su amante de que no llame a la puerta, porque “*el padre del niño nun ta a la montaña. Agora, no, mio neñu. Agora, no*”.

“Um frade costumava ir de noite ter com uma mulher usada, quando o marido não estava em casa. O sinal de que podia bater era um corno metido num buraco. Caso o marido estivesse, ela tirava o corno.

Um dia em que estava o marido, a mulher esqueceu-se de retirar o corno. E Frei João bateu à porta. O marido ouviu e disse:

—Ó mulher, batem à porta!

Comentou ela:

—Não é nada! São as almas do outro mundo. Em eu lhes dizendo uma oração, logo elas fogem:

*Ó almas do outro mundo
que vindes buscar socorro!
Meu marido está na cama,
'squeceu-me tirar o corno!”*

O sapateiro pobre

Un cuento sobre los males que trae el **dinero**.

“Havia um sapateiro que trabalhava à porta de casa e todo o santíssimo dia cantava. Tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e à noite, enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batuques muito contente.

Ora defronte do sapateiro morava um ricaço, que reparou naquele viver e teve pelo sapateiro tal compaixão que lhe mandou dar um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado, Pegou no dinheiro e à noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite, o pobre já não tocou viola. As crianças, como andavam a brincar pela casa, faziam barulho e levaram-no a errar na conta, e ele teve de lhes bater. Ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando estavam com mais fome. Dizia a mulher:

—E agora, que havemos nos de fazer a tanto dinheiro?

—Enterra-se!

—Perdemos-lhe o tino. É melhor metê-lo na arca.

—Mas podem roubá-lo! O melhor é pô-lo a render.

—Ora, isso é ser onzeneiro!

—Então levantam-se as casas e fazem-se de sobrado e depois arranjo a oficina toda pintadinha.

—Isso não tem nada com a obra! O melhor era comprarmos uns campinhos. Eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.

—Nessa não caio eu.

—Pois o que me faz conta é ter terra. Tudo o mais é vento.

As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atíça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro da outra, naquela noite não pregaram olho.

O vizinho ricaço reparava em tudo e não sabia explicar aquela mudanza. Por fim, o sapateiro disse à mulher:

— Sabes que mais? O dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do outro!

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos, e o sapateiro, com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e a trabalhar como de costume.”

A ilha de Timor (Lenda de Timor)

Una leyenda de **Timor** que explica el porqué la isla tiene forma de **cocodrilo**:

“Ha muitos e muitos anos, do outro lado do mundo, vivia num pantano um crocodilo. Como era ja velho, faltava-lhe velocidade; raramente conseguia apanhar peixes para comer e, por isso, começava a sentir fome, fraqueza e desânimo.

Saiu então do pantano e aventurou-se em terra, em busca de algum bicho que lhe matasse a fome. Mas o sol era ardente, o caminho longo e o croco-dilo sentia-se sem forcas para continuar.

Cheio de fome e sozinho, pensou que acabaria ali os seus dias, imóvel como uma pedra. Até que passou um rapaz. Ao ver o pobre animal naquele estado, sentiu pena e resolveu ajudá-lo a arrastar-se até uma ribeira. Ai o crocodilo pode refrescar-se e alimentar-se um pouco. E, ao conversarem, percebeu que o sonho do rapaz era viajar e conhecer o mundo.

Tão grato ficou o velho crocodilo que se ofereceu para levar o seu amigo as costas a passear pelas águas do rio e do mar. E assim atravessaram as ondas, dia e noite, noite e dia, rumo as terras onde nasce o sol.

Mas um dia, ja cansado, o crocodilo percebeu que não podia continuar. E corno a fome de novo apertasse, não encontrou solução que não fosse comer o rapaz. Antes, porém, decidiu consultar outros animais, a fim de aliviar a consciência. E todos, da baleia ao macaco, o censuraram, fazen-do-lhe ver como seria ingrato para quem o ajudara.

Arrepentido dos seus pensamentos, o crocodilo seguiu caminho, com o rapaz sempre as costas e sem perder o sol de vista. Quando as forcas ja o abandonavam, ainda pensou dar meia volta e regressar. Mas de repente sentiu o corpo aumentar de tamanho e transformar-se em terra e em pedra. Rápidamente se converteu numa ilha verde, cheia de montes, florestas e rios.

O rapaz caminhou então por aquela bonita ilha e deu-lhe o nome de Timor, que em língua malaia quer dizer Oriente. E é por isso que Timor tem a forma de um crocodilo.”

Os dois amigos (Lenda árabe)

Una leyenda llena de sentido moral que recuerda a los **apólogos** o cuentos morales del escritor brasileño **Paulo Coelho**.

“Dois amigos viajavam pelo deserto, caminhan-do em amena conversa, apesar do Sol abrasador. Um deles, porém, sentindo-se contrariado pelo outro, encetou uma discussão. Erguia a voz, gesticulava e pouco faltou para insultar o companhei-ro. Em dado momento da contenda, não resistiu e esbofeteou-o.

Admirado e ofendido, mas sem nada dizer, o amigo baixou-se e escreveu na areia: *Hoje, o meu melhor amigo bateu-me no rosto*.

Seguiram viagem, tristes e em silencio. Absortos nos seus pensamentos, fixavam os olhos num ondulante horizonte de dunas e ja caminhavam com dificuldade sob o ardor do Sol. Até que avis-taram um oasis verde, emergindo da areia escaldante do deserto. Mais aliviados a sombra das tamareiras, resolveram banhar-se, comer e per-noitar no local.

Afastou-se um para recolher galbos com que pretendia acender um pequeno fogo. E o que tinha sido esbofeteado despiu-se, mergulhou na lagoa do oasis e principiou a refrescar-se. Contu-do, passados minutos, perdeu o pe. E em breve se afogaria, não fosse a ajuda do amigo que, ao escutar os gritos, largou tudo e acorreu ao chamamento, mergulhando na lagoa e arrastando o companheiro para a margem.

Quando, ao fim de algum tempo, este se sentiu recuperado, pegou num estilete, dirigiu-se a uma pedra e nela escreveu: *Hoje, o meu melhor amigo salvou-me a vida*.

Intrigado, o outro perguntou:

— Porque é que, depois de te bater, escreveste na areia, e agora, que te salvei, foste escrever na pedra?

A sorrir, o primeiro respondeu:

— Quando um grande amigo nos ofende, de- vemos escrever na areia, onde o vento do esque-cimento e do perdão se encarrega de apagar as palavras. Quando, porém, faz por nos alguma coi-sa de verdadeiramente nobre, ah... ai devemos gravar as palavras que o recordam na pedra da memoria e do coração, onde nenhum vento do mundo as poderá apagar.

E assim se acharam reconciliados. E comeram, beberam e conversaram alegremente. Depois puseram-se a contemplar a Lúa e as estrelas até o cansaço os vencer. E mergulharam, por fim, num sono profundo e retemperador.

De pé de moura a moura morta (Lenda de Portugal)

Una leyenda que sirve para explicar el porqué de los topónimos de algunos lugares lusitanos.

“Passaram séculos e séculos desde o tempo em que ocorreram estes episodios. Ha muito que, vindos da África Setentrional, os mouros se tinham instalado no territorio a que hoje chamamos o Norte de Portugal. Mas, na época em que se passou a historia que vou contar, cristãos e mouros guerreavam-se. E os primeiros tudo faziam para expulsar os segundos desse territorio.

Não faltam lendas a lembrar tempos tão conturbados. Ouçam esta.

Certo día, uma princesa moura navegava Douro acima com o seu amado, quando ouviram um galope de cavalos na margem. Ao avistarem cavaleiros cristãos, tomaram-se de pánico e rápidamente rumaram à margem oposta a fim de se protegerem. Mal a princesa saiu do barco e deu um passo para uma rocha que ali estava, logo a marca do seu pé ficou gravada na pedra. E o lugar passou a chamar-se Pé de Moura.

O terreno era pedregoso, o que dificultava a fuga. Muito a custo, os dois jovens venceram a ladeira e embrenharam-se no matagal. A esse local chamou o povo o lugar da Lomba.

A princesa sentia-se esgotada de tão íngreme subida. Os seus pés delicados estavam doridos e em sangue.

— Paremos um pouco, meu bom amigo, senão morro! — suplicou.

— Descansemos então — replicou o companheiro —, mas resguardemo-nos dos olhares desses malditos.

Para repousarem, o mouro escolheu um lugar escondido, entre as ramagens, junto ao rio. Aí se abrigaram esperando que a escuridão chegasse e os inimigos desistissem da busca. Esse local batizou-o o povo de Pedorido.

Quando a noite finalmente caiu, o mouro descobriu uma pequena embarcação abandonada junto da margem e resolveram prosseguir viagem. Desesperada com a sua sorte, a moura sentia o coração dominado pela revolta. Nesse momento passavam num lugar, a que o povo deu o nome de Raiva.

De súbito, porém, as águas fizeram-se turvas e agitadas. Estavam junto à foz de outro rio que vinha desaguar no Douro. Durante um certo tempo, os dois jovens ainda lutaram corajosamente com as águas. Mas estas acabaram por vencer: o barco afundou-se e a jovem e o seu amado afogaram-se. Rio Mau chamaram por isso a esse rio.

No dia seguinte, o corpo da princesa deu à margem, num local que haveria de ficar conhecido como Moura Morta.

E é assim que o povo explica os nomes desses lugares junto ao rio Douro.”

História de Caio Carpo (Lenda de Portugal)

Esta es una historia sobre el apóstol **Santiago**, que es un santo más **ibérico** que únicamente **español**. También **Portugal** tiene una importante **ruta jacobea** y para los lusitanos **Santiago** es igualmente un santo querido, familiar, de casa.

“Esta historia passou-se ha muitos e muitos séculos, muito antes ainda de Portugal existir. Corria o ano de 44 e a Península Ibérica era parte do Imperio Romano. Uma multidão festejava as bodas do ilustre Caio Carpo, não longe do local onde hoje fica a cidade de Matosinhos. A sua noiva era Claudia, uma linda rapariga nascida em Gaia, da familia de um pretor romano. Gente rica e poderosa, está bom de ver.

A música animava aquela hora feliz. Bebia-se, comia-se, bailava-se e alguns cavaleiros exercita-vam-se com as armas.

No calor da festa, Caio Carpo decidiu montar no seu belo cavalo branco e entrar de rompante pelo mar dentro, mostrando a força e destreza de que era capaz. Mas o cavalo não abrandou o galope, cortava as ondas, como que atraído por uma embarcação que passava ao largo, com a proa voltada a norte. E tão longe se aventurou que o perderam de vista os que na praia admiravam aquele prodigio. O coração de Claudia bateu mais rápido, embora soubesse o noivo capaz das maiores façanhas.

Cavalgando ja por baixo de água, Caio Carpo viu-se de repente coberto de vieiras. Mesmo assim conseguiu vir a superfície e aproximou-se da embarcação.

— Quem sois e de onde vindes? — perguntou em alta voz.

Dois homens responderam humildemente:

— Atanásio e Teodoro, meu senhor. Vimos da longínqua cidade de Jaffa.

Caio Carpo subira entretanto a bordo.

— E que missão, estrangeiros, vos leva a cruzar estes mares?

— Meu senhor — respondeu um deles —, transportamos para norte o cadáver do apóstolo Santiago, que em terras da Palestina sofreu os maiores tormentos por amor de Jesús e da nossa santa religião. Milagrosamente, apenas demorámos sete dias a chegar a estas paragens.

Assombrado com tal prova de coragem e dedicação ao santo, Caio Carpo quis conhecer o Deus que levava aqueles estrangeiros a enfrentar tão dura e perigosa viagem. E, ao escutá-los, logo ali se converteu à fe cristã e recebeu o batismo. Quando aos amigos do santo, prosseguiram viagem para o Norte, levando o cavaleiro na lembrança. Sabiam que, daí em diante, a concha da vieira seria um sinal dos homens que fossem ao encontro de Santiago.

Regressado, como que por milagre, a praia de Matosinhos, Caio Carpo contou a aventura à noiva e aos convidados. Tão espantoso foi o caso para todos quantos haviam presenciado a

partida e o regresso do cavaleiro, e tão abismados ficaram ao escutarem a sua narrativa, que não tardou que a notícia se espalhasse por aquelas terras e que todos quisessem conhecer aquela estranha fe.

Ainda hoje, na Galiza, onde muitos vão venerar o apóstolo aí sepultado, a concha da vieira continua a ser o seu símbolo.